

Coro Gulbenkian

Martina Batič



22 abr 26

22 abr 26 QUARTA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro Gulbenkian

Martina Batič Maestra

Lu Zheng Viola

João Tiago Dinis Viola

Martin Henneken Violoncelo

Jeremy Lake Violoncelo

Domingos Ribeiro Contrabaixo

Ricardo Martins Piano

Fanny Mendelssohn-Hensel

Nachtreigen / Dança noturna c. 7 min

Clara Schumann

Drei gemischte Chöre / Três peças para coro misto c. 11 min

1. *Abendfeier in Venedig*
Festa ao anoitecer em Veneza
2. *Vorwärts / Em frente*
3. *Gondoliera / Gondoleira*

Robert Schumann

Romanzen für Frauenstimmen, op. 69
Romances para vozes femininas c. 17 min

1. *Tamburinschlägerin*
Tocadora de pandeireta
2. *Waldmädchen*
A rapariga da floresta
3. *Klosterfräulein / Freirinha*
4. *Soldatenbraut / Noiva do soldado*
5. *Meerfey / Sereia do mar*
6. *Die Capelle / A capela*

Franz Schubert

Gesang der Geister über den Wassern, D. 714 / Cântico dos espíritos sobre as águas c. 11 min

Johannes Brahms

Fest- und Gedenksprüche, op. 109
Aforismos festivos e comemorativos c. 10 min

1. *Unsere Väter hofften auf dich*
Os nossos pais confiaram em ti
2. *Wenn ein starker Gewappneter*
Quando um homem forte e armado
3. *Wo ist ein so herrlich Volk*
Onde há um povo tão glorioso

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: C. 1H 10 MIN
CONCERTO SEM INTERVALO

Romantismo Alemão

No decurso do séc. XIX, o espaço cultural alemão testemunhou uma reconfiguração das estruturas socioculturais, na qual a música ascendeu a uma posição de centralidade ética. No cerne desta transformação estava o ideal da *Bildung*, a autoformação cultural e moral do indivíduo, sustentado pelos valores da *Bürgertum*. Esta burguesia emergente, ao reivindicar um prestígio que já não emanava da *nobilitas* mas da *intelligentsia*, encontrou na prática musical um veículo privilegiado para a afirmação do seu *status* social.

Neste contexto, a música de câmara afirmou-se como o *templo do eu*. O salão privado, espelho das virtudes da domesticidade burguesa, transfigurou-se num espaço de introspeção e subjetividade romântica, que se manifestavam numa linguagem de intimidade, convertendo o ato de ouvir, cantar e tocar numa experiência de transcendência intelectual e de refinamento espiritual. Todavia, se a música de câmara representava a esfera do indivíduo, a música coral assumiu-se como a expressão máxima da *Gemeinschaft* [comunidade]. Num território politicamente fragmentado e açoitado pelas Guerras Napoleónicas, o canto coletivo em língua alemã transcendeu o mero entretenimento para tornar-se num ato de resistência cultural e de afirmação política e identitária, para o qual contribuiu o aparecimento das *Singakademien* e das *Liedertafeln*, fundamentais no desenvolvimento de uma consciência nacional. Na génese deste movimento esteve Carl Friedrich

Zelter (1758-1832), importante figura da vida cultural prussiana, diretor da *Sing-Akademie zu Berlin*, futuro professor da família Mendelssohn, e que, em 1809, reuniu 24 homens, entre músicos, poetas e cantores, para formar um clube de canto: reunidos à volta da mesa (*tafel*), cantavam canções (*Lieder*). Em breve, a prática coral tornou-se num pilar da vida cívica, um fenómeno de coesão social que culminaria nas *Sängerfeste*, festivais corais onde a voz da *civitas* (e da nação) assumia uma dimensão monumental.

Contudo, esta vivência não foi isenta de contradições. No *ethos* burguês, a educação musical feminina era entendida como atributo de distinção, circunscrevendo a sua atuação musical no contexto doméstico, independentemente do talento que demonstrasse. As poucas mulheres que rompiam com este cânone esbarravam na armadilha retórica intransponível da respeitada crítica musical no espaço cultural alemão: a condescendência perante a *suavidade feminina* e a condenação de qualquer incursão em linguagens consideradas *excessivamente masculinas*.

Destas circunstâncias é exemplo a compositora **Fanny Mendelssohn-Hensel** (1805-1847), a mais velha dos filhos do possidente casal Lea e Abraham Mendelssohn. Tendo recebido uma esmeradíssima educação musical, em conjunto com o irmão Felix, ainda que ambos revelassem um talento artístico extraordinário, aos olhos do pai, nunca poderiam ter o mesmo percurso de vida.

Como diria em carta (1820) para a filha, a música talvez pudesse vir a ser a profissão de Felix, mas para Fanny seria “apenas um adorno” da sua “única e verdadeira profissão de mulher”. Fanny revelou-se uma compositora prolífera, sendo a autora de mais de 400 obras para diversos efetivos musicais. Composta em 1829, *Nachtreigen* é uma peça para coro duplo *a cappella*, com poema de Wilhelm Hensel (1794-1861), futuro marido de Fanny. Seguindo o sentido geral do poema, o aviso sensato das mulheres para que os homens barulhentos não perturbem o silêncio da noite, Fanny contrapõe as vozes femininas e masculinas, fundindo-as gradualmente num crescendo harmónico, após um exímio fugato.

Numa outra dimensão está **Clara Schumann** (1819-1896). Figura singular no contexto da composição no feminino, a sua carreira como intérprete e o casamento com uma das figuras centrais do romantismo germânico garantiram-lhe uma presença contínua na vida musical pública. Nascida em Leipzig, filha de Mariane e do reputado professor de piano Johann Wieck, cedo demonstrou capacidades excepcionais, estreando-se como pianista em 1828, na Gewandhaus. Nos anos seguintes, viajou em *tournee* pela Europa, até que o seu casamento (1840) com o pianista e compositor Robert Schumann viria a ditar o abrandamento da sua atividade musical pública, apenas retomada após a viuvez. Os *Drei gemischte Chöre* foram compostos em 1848, no contexto da *Dresdner Verein für Chorgesang*, de que adiante daremos conta, na qual Clara desempenhou um papel

fundamental. Como nos conta Marie von Lindemann “Schumann era uma natureza demasiado interior, poética e sonhadora”, sendo Clara quem acompanhava os ensaios, dirigindo discretamente o coro “até que o marido regressasse dos seus sonhos à realidade”. Também por isto, os *Drei gemischte Chöre* são a única obra original documentada entre 1847-53. Ainda que não crie nenhuma lógica narrativa, antes três planos atmosféricos distintos, a poesia de Emanuel Geibel está enquadrada através do elemento veneziano da gôndola.

Estreado a 7 de março de 1821, num concerto de beneficência do Kärntnertortheater, em Viena, *Gesang der Geister über den Wassern*, para coro masculino e cinco instrumentos de cordas graves, foi a quarta e derradeira aproximação musical de **Franz Schubert** (1797-1828) ao poema homónimo de Johann Wolfgang von Goethe, escrito em 1779, após ter visitado as cascatas de Staubbach. O poema, impregnado de metáforas impactantes, compara a alma humana ao movimento das águas nas cascatas, despenhando-se em direção à terra, sendo lançadas de novo, violentamente, em direção ao céu. Esta mutabilidade encontra em Schubert um inspirado tradutor. Numa sucessão de parágrafos musicais ferozmente dramáticos e inquietos, de uma amplitude e solenidade impressionantes, acompanhamos a ascensão e queda das palavras de Goethe, transpostas para um universo sonoro austero, sombrio e eminentemente filosófico.

Considerado um marco fundacional no repertório coral do séc. XIX, *Romanzen für Frauenstimmen*, op. 69, para coro feminino e piano *ad libitum*, foi escrito em março de 1849, por **Robert Schumann** (1810-1856). A residir em Dresden desde 1844, o compositor fundou a *Verein für Chorgesang* em janeiro de 1848, a qual dirigiu até à sua partida para Düsseldorf, em 1850. O trabalho com este coro despertou uma forte inspiração artística, procurando Schumann conciliar o carácter simples da canção popular (*Volkslied*), com as exigências da canção artística (*Kunstlied*). Partindo de poemas de Joseph von Eichendorff (n.ºs 1, 2 e 5), Justinus Kerner (n.º 3), Eduard Mörike (n.º 4) e Ludwig Uhland (n.º 6), figuras maiores da estética romântica, Schumann elevou o género de canções para vozes femininas a um novo patamar de sofisticação técnica e expressiva, estabelecendo um padrão seguido por todos os compositores vindouros.

Considerado um dos baluartes da música coral alemã, celebrando a coesão de um povo através da arte e da palavra

sagrada, *Fest- und Gedenksprüche* foi composto entre 1888-89, por ocasião do reconhecimento de **Johannes Brahms** (1833-1897) como cidadão honorário de Hamburgo. Conhecedor da história e da literatura alemã, Brahms selecionou versos bíblicos, na tradução de Martinho Lutero, ressoando ideais de identidade nacional, tradição e continuidade geracional, consentâneos com o clima político e social coevo marcado pela unificação da Alemanha (1871). A utilização de um coro duplo permitiu ao compositor explorar os diálogos antifonais enquanto metáfora musical para a união de diferentes partes num todo coeso. A estreia ocorreu a 9 de setembro de 1889, pelo *Cäcilienverein*, dirigido por Julius Spengel, durante a Exposição de Comércio e Indústria de Hamburgo.

NOTAS DE JOSÉ BRUTO DA COSTA

Martina Batič

Vencedora do Concurso Eric Ericson em 2006, a eslovena Martina Batič é uma das principais maestras da sua geração. É reconhecida a sua versatilidade na direção de um vasto repertório, desde obras *a cappella* até corais-sinfónicas.

É a atual Maestra Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič foi Maestra Principal do Coro da Radio France (2018 a 2022), Diretora Artística do Coro Filarmónico Esloveno e Diretora Artística do Coro da Ópera Nacional Eslovena (2004 a 2009), em Liubliana. No início da temporada 2023/24, assumiu as funções de Maestra Principal do Ensemble Vocal Nacional da Dinamarca, em Copenhaga.

Como maestra convidada, dirige regularmente prestigiados agrupamentos corais, incluindo o RIAS Kammerchor, o Coro da Rádio de Berlim, o Coro da Rádio da Baviera, o Coro da Rádio MDR, o SWR Vokalensemble, o Chorwerk Ruhr, o Coro de Câmara Eric Ericson, o Coro da Rádio Sueca, o Coro de Solistas da Noruega, o Coro da Rádio dos Países Baixos, o Coro da Rádio da Flandres, a Züricher Singakademie, o Coro de Câmara de Helsínquia e o Bachchor Salzburg, entre outros agrupamentos.

Dirigiu concertos *a cappella* em eventos como o Festival do Mar Báltico (Estocolmo), o *Ultima Oslo*, o *Choregies d'Orange*, o *Festival Présences*, em Paris, ou os festivais de Montpellier e Saint-Denis. Em 2018 dirigiu o Coro da Rádio Sueca e o Coro de Câmara Eric Ericson num concerto de gala para assinalar o 100.º aniversário de Eric Ericson.

Martina Batič estudou na Academia de Música da Universidade de Liubliana e na Universidade de Música e Teatro de Munique. Obteve o grau de mestre em direção coral, com distinção, em 2004. Em 2019 recebeu o prémio nacional esloveno *Prešeren Fund Awards*, pelas suas realizações artísticas no domínio da direção coral.

Lu Zheng

Lu Zheng nasceu em agosto de 1977, em Tian Jin, na China. Começou a estudar violino e viola de arco aos seis anos de idade. Entre 1989 e 1997, frequentou o Conservatório Central de Música, em Pequim, onde realizou estudos complementares e superiores de viola. Entre 1994 e 1997, foi Viola Principal da Orquestra Juvenil da China. Em 1998 foi um dos membros fundadores do Chinese Quartet, tendo-se apresentado com este grupo nos Festivais de Música de Évora e do Algarve, a convite da Fundação Oriente. Entretanto, aperfeiçoou-se em música de câmara com Max Rabinovitsj e em viola de arco com Barbara Friedhoff e Bruno Pasquier. Entre 2000 e 2004, foi Solista B da Orquestra Metropolitana de Lisboa. É professor de viola de arco e de música de câmara e apresenta-se regularmente em recitais a solo e de música de câmara. É 1.º Viola Solista da Orquestra Gulbenkian, onde ingressou em 2005.

João Tiago Dinis

João Tiago Dinis nasceu em 1987 em Aveiro. Em 2007, integrou a Orquestra Filarmonia das Beiras, na qual iniciou o seu percurso profissional. Em 2023 ganhou o concurso para Solista B do naipe de violas da Orquestra Gulbenkian, lugar que ocupa atualmente. A sua trajetória conta ainda com colaborações com várias orquestras nacionais e internacionais como a Orquestra de Câmara de Colónia, a Orquestra de Câmara Portuguesa e, como primeiro viola, a Orquestra do Festival de Marvão, a Orquestra Clássica de Espinho e a Sinfonietta de Ponta Delgada, entre outras. Como solista, apresentou-se com a Orquestra Filarmonia das Beiras e com a Orquestra de Cordas da Universidade de Aveiro. No âmbito da música de câmara, colaborou com Quarteto de Cordas de Aveiro, sendo um dos seus membros fundadores, e com o Quarteto da Orquestra Clássica do Centro. Frequentou a Licenciatura em Música na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto e na Universidade de Aveiro, na qual foi galardoado com o 3.º lugar no Prémio Frederico de Freitas, em 2017. É convidado regularmente para ministrar *masterclasses* e *workshops* em várias instituições de ensino por todo o país. Toca numa viola de Luís Claudio Manfio, “Isola Di Torcello”, de 2020, e numa viola António Capela, de 2009.

Martin Henneken

Martin Henneken recebeu as suas primeiras aulas de violoncelo aos seis anos de idade. Estudou na Musikhochschule Lübeck, na Alemanha, com Troels Svane. Posteriormente, ingressou na classe de Reinhard Latzko na Universidade de Música de Viena, onde concluiu o Mestrado com distinção. Músicos como o violoncelista Lynn Harrell e o violinista Walter Levin (Quarteto Lassalle) complementaram a sua formação. Foi premiado várias vezes no Concurso Nacional Alemão para Jovens Músicos. Foi bolseiro da Fundação Live Music Now, criada por Yehudi Menuhin. Durante os seus estudos, colaborou regularmente com várias orquestras como a Filarmónica de Lübeck, a orquestra da Volksoper Wien, a Sinfónica de Viena e a Sinfónica da Índia. Entre 2009 e 2010, integrou a Orquestra da Ópera Nacional de Viena (Filarmónica de Viena), com a qual teve a oportunidade de participar em gravações, digressões internacionais e festivais (Salzburgo, Lucerna, *BBC Proms*). Desde 2010, é Violoncelo Solista da Orquestra Gulbenkian.

Jeremy Lake

Jeremy Lake nasceu em Londres e começou a estudar violoncelo aos dez anos de idade. Aos quinze integrou a National Youth Orchestra e, posteriormente, ganhou uma bolsa de estudos para o Royal College of Music (RCM), em Londres, onde foi aluno de Joan Dickson e Amanda Truelove. Durante o seu tempo no RCM, recebeu vários prémios, especialmente na música de câmara. Foi selecionado para participar numa *masterclass* com Mstislav Rostropovich e chegou a tocar com ele em concerto, em formação de música de câmara. Após concluir os estudos no RCM, prosseguiu a sua formação com Clive Greensmith, Timothy Hugh e Johannes Goritzki, em Düsseldorf, na Alemanha. Como músico freelancer, atuou com todas as principais orquestras e agrupamentos do Reino Unido e teve uma intensa atividade como músico de câmara e solista. Em 1998 mudou-se para Portugal para integrar a Orquestra Metropolitana de Lisboa. Posteriormente, passou a colaborar com a Orquestra Gulbenkian e, em 2004, foi nomeado violoncelista principal da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Desde 2005, é membro efetivo da Orquestra Gulbenkian. Em 2013 tornou-se também um dos membros fundadores da Camerata Atlântica. Jeremy continua a apresentar-se regularmente em concertos como músico de câmara e solista.

Domingos Ribeiro

Domingos Ribeiro nasceu em Macau em 1992. Iniciou os seus estudos musicais no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga e licenciou-se em 2013 na Escola Superior de Música de Lisboa. Estudou posteriormente na Escuela Superior de Música Reina Sofía, em Madrid, enquanto bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundación Albeniz. Foi academista da Sinfónica da Rádio da Baviera e participou em vários estágios de orquestras de jovens, destacando-se a Orchestre de Jeunes de la Méditerranée e a European Union Youth Orchestra. Foi reforço convidado na Orquestra Sinfónica do Porto – Casa da Música (2014), da Orquestra Nacional de Espanha (2016) e da Orquestra do Festival de Budapeste (2017). Em 2015 atuou a solo com a Orquestra Sinfónica da Escola Superior de Música de Lisboa e com a Camerata Gareguin Arantounian. Recebeu o 1.º Prémio na primeira edição do Concurso Vasco Barbosa, tendo-se apresentado a solo no Centro Cultural de Belém, com a Camerata Atlântica, e gravado para a RDP – Antena 2. Em 2019 recebeu o 2.º Prémio e o Prémio do Público do Concurso de Interpretação do Estoril e o 1.º prémio do Festival “Verão Clássico”. Em 2020 apresentou-se a solo com a Orquestra Gulbenkian. É solicitado para vários projetos de música de câmara em todo o país, tendo colaborado com artistas como Maria João Pires, Gyula Stuller, Lou Yung-Hsin Chang ou Antonio Meneses, entre outros, e trabalhou também com o Ensemble Mediterran e o Ensemble Darcos. Participa regularmente em vários de música de câmara dos Solistas da Orquestra Gulbenkian. É Solista A do naipe de Contrabaixos da Orquestra Gulbenkian.

Ricardo Martins

Ricardo Martins tem uma carreira extensa como pianista acompanhador e correpetidor, trabalhando com numerosas figuras de renome no seu meio. Concluiu, em 2014, o Mestrado em Ensino de Música na Escola Superior de Música de Lisboa, sob a supervisão de Jorge Moyano e Miguel Henriques. Em regime de *masterclass* de piano, continuou o seu aperfeiçoamento técnico com Galina Eguiazarova, Sequeira Costa, Miklos Spaniy, Fausto Neves, Roberto Turin, Artur Pizarro, Mikhail Markov, António Rosado e Arcadi Volodos.

No âmbito da correpetição, participou em *workshops* para correpetidores – com João Paulo Santos, Claudio Desderi, Jory Vinikour e Paul McCreech (inseridos nos cursos ENOA) – assim como em várias produções de ópera, destacando-se colaborações com o Festival Terras sem Sombra, Teatro Nacional de São Carlos, Atelier de Ópera da Orquestra Metropolitana de Lisboa, e Orquestra Filarmónica Portuguesa.

Trabalha frequentemente com o Coro Gulbenkian como pianista acompanhador, e com a Orquestra Gulbenkian como instrumentista convidado, destacando-se participações, como 1.º solista, em *Graffiti* de Marcus Lindberg, com o maestro Hannu Lintu, e *Pli selon pli* de Pierre Boulez, com o maestro Pedro Amaral.

A solo, apresentou-se em recitais no Museu Nacional da Música, no Auditório CGD do ISEG, e no Centro Cultural de Cascais, dedicados a Claude Debussy e Maurice Ravel, assim como a compositores portugueses como Armando José Fernandes, Luís de Freitas Branco, e Fernando Lopes-Graça. Estreou-se com orquestra com o Concerto para Piano de Francis Poulenc, com a Orquestra Sinfónica da Escola Superior de Música de Lisboa, sob a direção do maestro Vasco Azevedo. É professor Assistente Convidado de Práticas de Ensaio na Escola Superior de Música de Lisboa.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto a *cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburger Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. Participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC-Music e Aria-Music, tendo registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

SOPRANOS

Ariana Russo
Bianca Varela
Catarina Carvalho
Claire Rocha Santos
Filipa Passos
Isabel Cruz Fernandes
Lucília de Jesus
Margarida Simões
Maria José Conceição
Sara Afonso
Teresa Duarte
Verónica Silva

CONTRALTOS

Ana Urbano
Beatriz Cebola
Carmo Pereira Coutinho
Estrela Martinho
Joana Esteves
Joana Nascimento
Laura Martins
Lucinda Gerhardt
Madalena Barão
Markéta Chumová
Marta Queirós
Tânia Valente

TENORES

Aníbal Coutinho
Bruno Sales
Artur Afonso
Francisco Cortes
Gustavo Paixão
Jaime Bacharel
João Pedro Afonso
Miguel Carvalho
Pedro Miguel
Ricardo Moniz
Ross Buddie
Rui Aleixo

BAIXOS

Afonso Moreira
Filipe Leal
Gonçalo Freitas
Henrique Coelho
João Silva
João Costa
José Bruto da Costa
Lucas Mandillo Robert
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Rui Bôrras
Tomé Azevedo

—

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Inês Rosário
Marta Ferreira de Andrade
Inês Nunes

CARTÃO GULBENKIAN

**Para quem vive
a Gulbenkian.**

**Escolha o Cartão
mais adequado para si.**

Adesão online
em poucos minutos.

Adira ou renove o seu Cartão Gulbenkian e aproveite todas as vantagens exclusivas.

CARTÃO
GULBENKIAN

CARTÃO
GULBENKIAN
MAIS

Gratuito

65€ / ano

Troca de pontos por ofertas especiais



Descontos etários mais vantajosos



Desconto de 10% em publicações



Compra de assinaturas para
a Temporada Gulbenkian Música



Levantamento antecipado de bilhetes
para eventos gratuitos

1 DIA ANTES

2 DIAS ANTES

Entrada gratuita no Museu,
CAM e exposições



Acesso prioritário a exposições



Compra antecipada de bilhetes avulso



Programação exclusiva



Desconto de 10% em artigos de loja



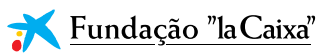
Newsletter exclusiva



Seja mais



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*

